

as qualidades e todos os defeitos da literatura de viagem da época. Cumpre, pois, usá-lo convenientemente, tirando dele os elementos que nos parecerem válidos para o conhecimento daquele Brasil que se iniciava e que, por muito pouco, deixou de ser francês. A presente tradução é enriquecida de valiosas notas e traz, em apêndice, erudita nota sobre o *pian* (espécie de bouba), da lavra do médico pernambuco Dr. Eustáchio Duarte. — ONM.

Vol. 230 — *Castilhos Goycochêa: Fronteiras e fronteiras*. 1943. 298 págs.

Para a composição deste volume, o autor riograndense, estudioso do assunto sobre o qual muito escreveu, reuniu diversos estudos sobre algumas das principais questões de fronteiras, com a biografia de fronteiras que se notabilizaram nessas questões. Neles “não há defesa de qualquer princípio, doutrina ou credo e nem a preocupação de investir quem quer que seja, homens ou nações de homens; mas, apenas, o ânimo de fazer conhecidos, em minúcias, certos fatos expressivos da história do Brasil e com isso resguardar os nomes de individualidades que se agigantaram na obra portentosa de delimitar as raíais políticas do país.” Assim se intitulam os capítulos do livro: Fronteiras e fronteiras (nome que se estendeu ao volume); Amapá e Pirara; Território de Palmas; Acre; Chiquitos e Otuquis; O mapa da Linha Verde; Os demarcadores da fronteira do Brasil; O fronteiro-mor do Império; O massacre da Expedição Soares Pinto-Paz Soldan; Barão de Ladário; Javari; O rio martirizante; Barão de Tefé e as nascentes do rio Javari; Plácido de Castro, o pai do Acre; A “descoberta” do Barão do Rio Branco; A ocupação da Ilha Trindade pela Inglaterra. — ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* * *